O *poder simbólico da indelicadeza* e a construção de *identidades discursivas* em interações virtuais

Marta Cação Lopes Antão[1], *Carla Aurélia de Almeida*[2]

[1] Universidade Aberta, Lisboa, Portugal.
[2] Departamento de Humanidades da Universidade Aberta, Lisboa, Portugal / Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Abstract

Based on the interventions made in the *comments* forum that takes place on social networks, where anonymity and direct, short language predominate, a socio-discursive analysis is undertaken of the way in which hate speech is co-constructed. From the point of view of Sociopragmatics, the strategies of linguistic rudeness are analysed, rebalancing this linguistic use with gender (male and female) and with how the power structures of a community of practice are constructed in discourse. It can be observed that verbal creativity in the *corpus* is at the service of discrediting the speaker, with a predominance of directive and assertive acts, irony, and rhetorical questions.

Keywords: Impoliteness, gender studies, communities of practice, social network, Sociopragmatics.

Resumo

Tendo por base as intervenções realizadas no fórum de *comentários* que ocorre em redes sociais, onde predomina o anonimato e uma linguagem sucinta e direta, procede-se a uma análise sociodiscursiva do modo como é coconstruído o discurso de ódio. Do ponto de vista da Sociopragmática, são analisadas as estratégias de indelicadeza linguística, reequacionando este uso linguístico com o género (masculino e feminino) e o modo como são construídas no discurso as estruturas de poder de uma comunidade de prática. Verifica-se que a criatividade verbal no *corpus* constituído está ao serviço da descredibilização do alocutário com o predomínio de atos diretivos e assertivos, da ironia e das perguntas retóricas.

Palavras-chave: Indelicadeza, estudos sobre o género, comunidades de prática, rede social, Sociopragmática.

1. Introdução: perspetiva analítica

O presente trabalho inscreve-se no âmbito da Sociopragmática (Haugh *et al.*, 2021) e tem como objeto de análise um *corpus* de interações verbais em ambientes digitais, considerando os mecanismos linguístico-discursivos da indelicadeza verbal que ocorrem no *comentário* de uma rede social. O estudo tem por base uma análise linguística das estratégias discursivas que configuram, por um lado, a credibilização das imagens do enunciador e, por outro lado, o modo como discursivamente se realiza o descrédito do alocutário visado. Assim, o estudo dos usos linguísticos nas redes sociais permite compreender as dinâmicas e as relações sociais que aqui se estabelecem, possibilitando o levantamento de regularidades discursivas desenvolvidas pelos seus utilizadores e a verificação do modo como a indelicadeza (Culpeper, 2013; Culpeper & Haugh, 2021, p. 315) e o discurso do ódio (Culpeper, 2021) são lexicalizados no contexto específico da comunicação virtual.

2. A contextualização da linguagem

2.1. Problematização do conceito de indelicadeza

Os estudos sobre a indelicadeza linguística estão relacionados com investigações realizadas na área da delicadeza. Não obstante esta relação, tal como sugerem Culpeper (1986) e Mills (2009), é necessário considerar a indelicadeza como uma entidade radicalmente diferente da delicadeza e não apenas o seu oposto.

Sobre as investigações na área da delicadeza, destacam-se os trabalhos pioneiros de Brown e Levinson (1987) e Leech (1983) sobre o trabalho de *figuração* ("face work"). As estratégias e máximas da delicadeza apresentadas por estes autores baseiam-se no Princípio de Cooperação de Grice (1975), segundo o qual os falantes procuram manter a harmonia na comunicação, evitando, desta forma, os conflitos na interação. Contudo, vários autores têm vindo a advertir que nem sempre o acordo representa o padrão das interações e que não existe um discurso ideal que colocaria a indelicadeza na categoria de discurso excecional. Contrariamente ao que expressavam Brown e Levinson (1987), autores como Culpeper referem que a indelicadeza não é nem um fenómeno universal, nem inerente aos atos de fala e não existem fórmulas linguísticas intrinsecamente delicadas ou indelicadas. Assim, Culpeper (1996) apresentou uma das primeiras tentativas de sistematização de estratégias de indelicadeza em interações verbais, sistematizando em cinco tipos: i) indelicadeza direta (*bald-on-record*) realizada por um ato ameaçador direto, um "Face Threatening Act", realizado sem ambiguidades (por exemplo, usar o imperativo para ordenar); ii) indelicadeza que visa a ameaça da face positiva (por exemplo, ignorar ou excluir alguém com formas de tratamento inapropriadas como palavrões ou nomes caluniosos, fazendo com que o alocutário se sinta incomodado); iii) indelicadeza que incide na face negativa como o uso de estratégias que prejudicam os desejos de proteção da face negativa do alocutário (por exemplo, assustar, ser condescendente ou ridicularizar, enfatizar o poder sobre o alocutário, interromper a vez de elocução); iv) *indelicadeza off-record:* o ato ameaçador é realizado mediante uma implicatura, de tal maneira que uma determinada intenção de indelicadeza é calculada conversacionalmente (por exemplo, falar por indiretas, fazer perguntas retóricas, usar ironia ou metáforas); v) *indelicadeza retida/contida ou reprimida ("withhold")* nos casos em que há ausência de delicadeza em situações em que ela é esperada (por exemplo, não agradecer um presente). Estas estratégias constituem formas de alcançar os objetivos na interação e podem ajudar a ter um quadro analítico relativo à indelicadeza. No entanto, o próprio autor adverte que são bastante abstratas e muito sensíveis ao contexto: chamar nomes insultuosos a alguém nem sempre é violento, podendo ser também uma demonstração de familiaridade ou de brincadeira, que pode levar a fortalecer os laços de solidariedade entre os participantes. Deste modo, em estudos posteriores (Culpeper 2005, 2011, 2020), procede a uma problematização desta tipologia analítica, destacando como metodologia de análise deste fenómeno linguístico a necessidade de o estudar em função do contexto de uso.

2.2. A *indelicadeza* e as *noções de género*, classe social, *habitus linguístico* e *comunidade de prática*

Na continuação dos estudos efetuados por Culpeper, autores como Sara Mills relacionam o *género* (isto é, a identidade sexual) com a delicadeza (atente-se no título do seu livro *Gender and Politeness*, publicado em 2003), questionando a ideia de que existe um consenso entre o que constitui um ato delicado ou indelicado: Mills defende que se trata de um julgamento e de uma avaliação dependentes da variação contextual e cultural e, por conseguinte, da elaboração de hipóteses que os interlocutores fazem sobre as verdadeiras *intenções* dos locutores. Do ponto de vista de análise metodológica, Mills (2003, p. 48) defende uma combinação das abordagens da Análise Conversacional e da Análise Crítica do Discurso, uma vez que ambas se concentram no papel das variáveis: enquanto o indivíduo na primeira é estratégico e detém o controlo, na segunda, esse indivíduo está à mercê das forças sociais e exibe as relações de poder na interação, aproximando-se das teorias de Bourdieu (1989) sobre os condicionamentos que os agentes sociais têm e que se consubstanciam na noção de *habitus* linguístico, tratando-se de uma forma de análise que está consciente de que as variáveis da

classe social e de género influenciam o discurso, assim como as negociações realizadas na interação. Deste modo, problematiza-se a relação entre contexto e os juízos críticos sobre o que se considera delicado ou indelicado linguisticamente: geralmente, os julgamentos sobre a indelicadeza baseiam-se na suposição de que, dentro de uma interação particular, o comportamento apropriado é conhecido por todos os participantes. Deste modo, os julgamentos negativos não fazem parte de uma avaliação linguística, mas sim das pessoas e dos valores culturais de um determinado grupo social. Mills (2003) situa os falantes em *comunidades de prática* onde a sua posição, identidade de género, raça e classe são constantemente negociadas. Para Mills, a indelicadeza é uma forma de exercer o poder. Na mesma linha de análise, Ruth Wodak, no seu livro *Disorders of Discourse* (1996), examina os mal-entendidos que acontecem entre indivíduos que interagem com aqueles que se encontram em posições de poder institucionalizado, em grande parte, atribuindo esses mal-entendidos ao resultado da desigualdade estrutural: na sua análise de hospitais e escolas, mostra os efeitos que as diferenças de poder podem ter sobre aqueles que não estão familiarizados com as instituições. Uma visão mais atenta à heterogeneidade dentro dos grupos culturais poderá contribuir para uma mudança da linguagem em relação às normas de indelicadeza linguística e para uma melhor compreensão dos conflitos que ocorrem entre os indivíduos. Assim, o conflito, os mal-entendidos precisam de estar no centro do modelo analítico ao contrário da hipótese de que existe uma comunicação perfeita e cooperante entre os falantes.

Na linha de Eckert e McConnell-Ginet (1992), o conceito de *comunidade de prática* (doravante, CP) relativo a normas partilhadas por uma comunidade específica passa a ser relevante na investigação sociolinguística, passando a categoria de *género* a cruzar-se com a *classe social* e a *idade* no âmbito de estudos etnográficos. A noção de CP oferece à investigação linguística uma possibilidade de combater generalizações de todos os locutores que integrem uma cultura ou grupo linguístico específicos. O enfoque na análise contextualizada salienta que o sentido da interação entre indivíduos se realiza na sua relação com outros grupos e normas sociais (Eckert & McConnell-Ginet, 1992). No seio de uma CP, a adoção de novas formas de expressão (tal como o desaparecimento de outras) é um processo contínuo, no qual se renovam formas de viver o género, a etnia ou a orientação sexual, entre outros aspetos delimitadores da identidade. Neste sentido, Eckert e McConnell-Ginet (1992) criticam o facto de, em Sociolinguística, as noções de "mulheres" e "homens" serem consideradas entidades fixas, argumentando que, na prática, é difícil encontrar mulheres ou homens que sejam um somatório das características que normalmente lhes são atribuídas. São as diferenças reais entre os sexos e a crença nessas diferenças que contribuem para a reprodução de parâmetros de género, de relações de opressão ou de outros vínculos mais positivos (Eckert & McConnell, 2003, p. 467). Nesta perspetiva, as autoras criticam o modelo binário de análise, defendem a necessidade de se conectar cada uma dessas abstrações com um campo mais amplo de práticas sociais e linguísticas, examinando-se as especificidades da realização concreta destas categorias em comunidades reais. As autoras acrescentam que talvez a implicação mais importante seja a de não abandonar a responsabilidade social e política da investigação linguística, considerando a existência de práticas discursivas relacionadas com o sexismo, o racismo, o elitismo ou o heterossexismo em muitas comunidades. Deste modo, Eckert e McConnell-Ginet (2003, p. 462) salientam que é necessário relacionar o processo histórico de construção de categorias de *género* com as relações de poder (Eckert & McConnell-Ginet, 2003, p. 485).

No âmbito desta perspetiva, realçamos ainda, a este propósito, os estudos de Mary Bucholtz (1999), linguista da terceira onda que, ao contrário da descrição de um modelo homogéneo de 'linguagem das mulheres' pelas linguistas feministas da "segunda onda" (como Dale Spender, Robin Lakoff ou Deborah Tannen), não vê a linguagem das mulheres como um grupo homogéneo e realça a diversidade do seu discurso, examinado o papel do contexto e das forças sociais. Na análise linguística da segunda onda feminista, dos anos 60 até aos 80, analisavam-se os significados inerentes às palavras e faziam-se listas de palavras sexistas; aconselhava-se o uso de certos vocábulos ou de certas estratégias, pois estas estavam relacionadas com ganhar ou perder autoridade: por exemplo, interromper era visto como uma estratégia de poder e hesitar era sinónimo de debilidade. De acordo com Mills (2003a), depois dos trabalhos de Cameron *et al.* (1988), entre outros, verificou-se que a relação entre poder e os turnos de palavra era mais complexa. A linguística da terceira onda

feminista, dos anos 90 até à primeira década do século XXI, analisa a forma como as palavras são usadas para significar e atingir objetivos em contextos particulares. Em vez da discussão sobre as estruturas globais de poder, como o patriarcado, são analisados os modos como o género e os conflitos são geridos pelas mulheres a nível local. Ainda que se refiram as macroestruturas da desigualdade e discriminação, o interesse agora é posto na variação e na resistência, e não em afirmações genéricas sobre a condição da mulher e o uso da linguagem, analisando-se, por exemplo, o modo como, num determinado contexto, a entoação pode ser irónica ou a verificação de que há alguma hesitação quando se usa a linguagem inclusiva. Em vez de se imporem significados, estes são coconstruídos na interação e não estão previamente fixos, sem esquecer que esta construção conjunta de significados não é completamente livre, nem aleatória, sendo o resultado das ações de todos os indivíduos envolvidos, juntamente com a negociação das restrições institucionais de estatuto e as rotinas linguísticas institucionalizadas, na linha de Michel Foucault ou de Pierre Bourdieu. Com efeito, o poder, na linha de Foucault, não é somente exercido pela força física, mas também pelas relações sociais, pelos discursos e pelas práticas culturais, não sendo visto como algo que se possui, mas como uma rede de relações, sendo posto em causa em cada interação. Por seu lado, Bourdieu explica como a estrutura social e a educação moldam as perceções de género e de classe social. Deste modo, as linguísticas da terceira onda feminista preocupam-se com a gestão local das relações de poder, fazendo a distinção entre o estatuto institucional, aquele que se recebe por meio da posição dentro de uma instituição, e o estatuto local, aquele se negoceia mediante a habilidade verbal, a confiança e o facto de se ser *delicado* ou gentil. A terceira onda de linguistas feministas ressalva que uma linguagem tipificada como mais respeitadora e cooperativa, tradicionalmente associada a práticas discursivas realizadas por mulheres, talvez pertença unicamente a algumas mulheres, nomeadamente brancas e de classe média (Mills, 2003b, p. 7), ocorrendo em contextos específicos. Mills afirma que Coates (1996), entre outros autores, questiona se o uso de um estilo mais delicado representa necessariamente uma falta de poder, argumentando que o uso de delicadeza positiva pelas mulheres em ambientes de trabalho leva, muitas vezes, a discussões mais produtivas. Mills argumenta que a relação estabelecida entre ser mais deferente e ter menos poder são estereótipos usualmente associados às mulheres, por isso, quando estas últimas se expressam de um modo mais assertivo, o seu discurso é, frequentemente, visto como aberrante ou agressivo. Por este motivo, a escolha pragmática de muitas mulheres, em certos contextos, pode passar pelo uso estratégico da delicadeza, como são os atos indiretos.[1] Em vez de se considerarem as mulheres discursivamente mais educadas e menos agressivas do que os homens, analisa-se o processo mediante o qual se avaliam os estereótipos relativamente ao género e analisam-se as estratégias que têm uma maior probabilidade de atingir os objetivos comunicativos pretendidos em contexto. Algumas destas estratégias em análise podem ser aquelas que de uma maneira estereotipada são associadas ao género feminino, mas que, no entanto, podem manifestar uma abordagem diferente de exercer poder. Assim, as identidades dos falantes, segundo Mary Bucholtz (1999, p. 20), longe de serem fixas e estáticas, são produzidas em interação e são influenciadas por ideologias (de género e outras). De acordo com Bourdieu (1989, p. 7), as "ideologias, por oposição ao mito, produto coletivo e coletivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo".

Em síntese, a análise linguístico-discursiva parece ser mais produtiva quando se conjuga a observação local com a forma como esses contextos específicos são eles próprios estruturados pelas restrições sociais. Assim, tanto a CP como o contexto que lhe é mais amplo são relevantes na investigação sociolinguística.

2.3. As identidades discursivas

A conexão entre a linguagem e a identidade é um aspeto essencial da experiência humana. O uso da língua não é só um reflexo do ser humano, como também o define direta e indiretamente. A observação dos

[1] Eckert e McConnell-Ginet (2003, p. 466) advertem para o facto de a comunicação indireta não ser tipicamente feminina, mas sim uma estratégia usada por qualquer falante.

comportamentos linguísticos partilhados permite comprovar como as pessoas pertencem a grupos que se intersetam, tanto a nível local (amizades, família, etc.), como em âmbitos mais globais (género, classe, etnia, nacionalidade, etc.). As escolhas linguísticas realizadas pelos indivíduos quando se expressam dão relevo a certos aspetos da identidade em cada momento das suas interações, e revelam indícios sobre as dimensões intergrupal e interindividual das pessoas intervenientes na comunicação (Llamas & Watt, 2010, p. 15).

Nos anos 60, o trabalho de William Labov sobre as variações fonológicas do dialeto inglês dos habitantes da ilha de Martha's Vineyard foi considerado pioneiro na análise de como a linguagem pode servir como ferramenta para a construção de identidades. O estudo salientou como as/os utilizadoras/es, ao invés de adotarem um papel passivo, podiam ser agentes capazes de utilizar a variação linguística para fins de criação e marcação da identidade. As diferenças linguísticas demonstraram, neste caso, como estas podem ser um indicador de pertença social.

Uma década mais tarde, os estudos de Robin Lakoff sobre um foco identitário particular, o género, liderou o caminho para a análise da identidade através da linguagem. O trabalho da autora salientou a forma como algumas características, por exemplo, marcadores de pausa ou *question-tags*, entre outras, ocorriam mais frequentemente no discurso das mulheres do que no dos homens. Isto apontava para indícios de insegurança e de enquadramento das mulheres no papel que lhes era socialmente esperado. Estas investigações constituíram um desafio para a sociolinguística que, até então, se tinha concentrado nas diferenças de classe. Estava, assim, aberto o caminho para o estudo da ligação entre a língua e as identidades de todo o tipo.

De acordo com a teorização de Mary Bucholtz e Kira Hall (2005, 2008), a identidade advém, como um produto, a partir do discurso, não sendo a fonte deste. Emerge na interação em forma de construção discursiva. Enquanto interagem, os interlocutores negoceiam os significados sociais, construindo, deste modo, a sua identidade mediante a linguagem que usam para enquadrar e avaliar os contributos próprios e alheios. Por conseguinte, a identidade é um fenómeno relacional e sociocultural localizado em contextos discursivos locais de interação, e não uma estrutura estável localizada na psique individual e em categorias sociais fixas (Bucholtz & Hall, 2005, p. 2). A proposta das autoras dirige o olhar da investigação para o processo dinâmico de construção das identidades em interações linguísticas contextualizadas, em vez do método tradicional de aplicação de categorias teóricas preestabelecidas à análise textual. Em suma, as identidades são vistas como processos em construção e não como estados finalizados.

Para uma compreensão analítica do modo como as identidades são forjadas e negociadas nas interações sociais, Bucholtz e Kira (2005) propõem um quadro teórico com cinco princípios que representam as diferentes abordagens académicas sobre a questão da identidade. Em primeiro lugar, o princípio da emergência, segundo o qual a identidade, como produto e não fonte de práticas linguísticas, é um fenómeno social e cultural. Em segundo lugar, o princípio do posicionamento que realça as categorias demográficas de nível macro, as posições culturais locais e os papéis temporários decorrentes de cada interação. Em terceiro lugar, de acordo com o princípio da indexicalidade, as identidades podem ser indexadas linguisticamente através de rótulos, implicaturas, posturas, estilos e escolhas de códigos. Em quarto lugar, segundo o princípio central da relacionalidade, as identidades adquirem o seu significado social em relação a outras entidades identitárias disponíveis, sendo construídas com base em critérios de semelhança ou diferença, autenticidade ou artifício, e autoridade ou deslegitimação. Desta forma, as identidades são fenómenos intersubjetivos. Finalmente, o quinto princípio da parcialidade enfatiza o facto de as identidades serem sempre parciais (de modo inconsciente ou não) como resultado da construção de perceções e representações dos outros e com a participação em processos e estruturas ideológicas mais amplas. Todos estes fatores emergem na interação e são passíveis de serem analisados em vários níveis simultaneamente, não se excluindo, mas complementando-se.

A identidade pessoal de acordo com Polletta e Jasper (2001, p. 298), ou seja, os traços individuais como poderiam ser, por exemplo, as características físicas, só ganham relevância mediante alguma forma de discurso. Tal como acontece com a cultura ou a gramática, a identidade emerge das condições específicas do

contexto interacional que visa sempre um diálogo com outras vozes. Estas não têm necessariamente de estar presentes no momento interativo, em análise, podendo estabelecer uma relação com interações anteriores, recorrendo-se, assim, a estruturas ideológicas e/ou linguísticas produzidas noutros momentos.

A questão do posicionamento aponta para a importância dos estudos etnográficos, pois ganham aqui relevo as subtilezas da identidade em contextos locais. Na comunicação os/as participantes assumem papéis temporários situados, como por exemplo, o de julgar, contar histórias, dar um toque de humor, ser um/a ouvinte ativo/a, atacar a face do Outro, etc. Estas posições temporárias podem reunir associações ideológicas e categorias identitárias locais e de grande escala (Bucholtz & Hall, 2005, p. 7).

Enquanto os princípios de emergência e posicionamento se centravam no estatuto da identidade, o terceiro princípio proposto por Bucholtz e Hall foca o mecanismo pelo qual a identidade é constituída. O conceito de indexicalidade envolve a criação de ligações semióticas entre as formas linguísticas e os seus significados sociais. As associações entre língua e identidade estão enraizadas em crenças e valores culturais, isto é, em ideologias. Os processos indexicais, como a referência a categorias ou rótulos, o recurso a implicaturas e pressuposições em relação às posições identitárias próprias e alheias, os alinhamentos e os papéis do grupo da interlocução fornecem informações importantes sobre a construção das identidades discursivas (Bucholtz & Hall, 2005, p. 10). Como se pode verificar na análise do *corpus* do presente trabalho, os meios indiretos de instanciar as identidades incluem processos pragmáticos, como implicaturas e pressuposições que requerem um trabalho inferencial adicional para a interpretação dos enunciados.

O princípio relacional chama a atenção para o facto de as identidades nunca serem autónomas ou independentes, visto adquirirem um significado social em função das posições identitárias dos outros agentes sociais. Concomitantemente, destaca que as identidades não são somente moldadas de acordo com os elementos de convergência ou divergência entre as pessoas. Para além da adequação ou distinção − termos propostos por Bucholtz e Hall (2005) para os critérios de semelhança e diferença − existem ainda outras relações complementares que participam na construção das identidades, como a autenticidade ou o artifício e a autoridade ou a deslegitimação. As identidades são construídas na intersubjetividade mediante as diferentes relações.

A parcialidade das identidades alude a uma ideia que foi central para a análise feminista da segunda vaga, na década dos anos 70. Assumiu-se um compromisso ético de reconhecer o caráter situado e parcial de qualquer reivindicação do conhecimento. Todas as representações culturais passam a ser vistas como forçosamente parciais. Sendo a identidade inerentemente relacional, será sempre parcial, produzida através de configurações contextualmente situadas e ideologicamente informadas sobre o "eu" e os outros agentes sociais (Bucholtz & Hall, 2005, p. 21). Os fatores ideológicos desempenham um papel significativo na construção da identidade de grupo em particular, uma vez que os membros de um grupo negoceiam quem são, quais são os critérios de pertença ao seu grupo, como se relacionam com os membros de outros grupos e quais são os seus objetivos (De Fina, 2006, p. 355). Não obstante, trata-se de um processo de análise complexo, porque os indivíduos são usualmente membros de vários grupos ideológicos. Os seus discursos, por conseguinte, podem ser manifestações complexas de objetivos, normas ou valores diferentes e até contraditórios. Por exemplo, enquanto feminista ou antirracista, uma mulher pode ser progressista, mas como neoliberal, em questões económicas, pode aderir a valores mais conservadores (van Dijk, 2014, p. 319).

As formas com as quais a identidade ultrapassa o "eu" individual são múltiplas, por isso a identidade é, ela própria, um tipo de ação social efetuada pelos agentes sociais. Por um lado, é através da interação discursiva que surgem as estruturas sociais de grande escala, e, por outro lado, as interações quotidianas são afetadas pelas construções ideológicas e materiais que produzem as relações de poder. Tanto a estrutura como a agência estão interligadas em articulações micro e macro da identidade. A interação é um ponto de partida importante para a análise da prática sociolinguística, mas não pode ser o ponto de chegada. A análise pode atingir uma compreensão mais completa da formação das identidades, se incluir as várias dimensões referidas: a microanálise da conversa, a macroanálise dos processos ideológicos, a análise quantitativa e qualitativa das

estruturas linguísticas, assim como o enfoque etnográfico das práticas culturais locais (Bucholtz & Hall, 2008, p. 9).

A metáfora do palco apresentada por Erving Goffman, na qual o "eu" surge como uma construção e um desempenho projetado no seio de um grupo social, parece identicamente idónea para explicar como os indivíduos moldam e formam as suas identidades não só em contextos presenciais, mas também virtuais. A comparação da apresentação de si próprio/a numa atuação num palco perante uma audiência parece poder aplicar-se à apresentação de um perfil numa plataforma virtual. Este pode ser falso, fictício ou parcial, podendo ir ao encontro dos diferentes objetivos comunicativos situados em cada interação.

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação digitais, os novos padrões de participação social criaram diversos sítios de construção da identidade *on* e *offline*. A participação virtual em plataformas de redes sociais tornou-se uma prática quotidiana. Por conseguinte, a análise sociolinguística começou a revelar um interesse crescente no estudo das identidades discursivas em interações virtuais. Apesar de se encontrarem no mundo digital, estas práticas encontram-se intimamente relacionadas com os envolvimentos sociais fora das redes.

O estudo sobre a apresentação do "eu" no mundo virtual, desenvolvido por Bullingham e Vasconcelos (2013), sustenta a atualidade e aplicabilidade do trabalho de Goffman em relação às interações virtuais. Na análise de perfis de blogues e de plataformas de *Second Life*, as autoras concluíram que a disparidade entre as identidades *online* e *offline* é minimizada. Para além do desejo de ser honesto e direto com os outros, e a crença de que a identidade não muda realmente *online*, também se verificou a premissa fundamental do trabalho de Goffman. Como agindo num palco, e apoiadas pelas vantagens do anonimato, as pessoas escolheram características identitárias que queriam projetar. Certas qualidades foram ora suprimidas, ora realçadas, tendo-se criado oportunidades para a edição do "eu". O mundo virtual oferece oportunidades para o desenvolvimento do modelo de Goffman, ao sugerir que as identidades projetadas abarcam a adoção de uma máscara, assim como edições mais acentuadas do "eu" (Bullingham & Vasconcelos, 2013, p. 110).

Na análise da construção discursiva das identidades em comentários críticos publicados em páginas de jornais virtuais, Eller (2018) destacou como a crítica pode ser usada para colocar em primeiro plano certos aspetos da identidade. Nestes sítios *online*, como nos *corpora* analisados na presente investigação, as publicações escritas são o único canal disponível para os interactantes, verificando-se que os meios linguísticos desempenham um papel importante na construção e negociação da identidade. A análise textual comprovou como o desacordo e a crítica se tornam comuns neste tipo de interação devido à grande diversidade do grupo de interlocutores/as que apresenta opiniões divergentes, especialmente se o tema for de grande interesse pessoal para os/as participantes e o envolvimento emocional for elevado. Estes encontros linguísticos representam um desafio para o estudo da gestão das faces e a consequente construção da identidade e estratégias de indelicadeza (Eller, 2018, p. 180). No artigo, a autora conclui que as/os comentadoras das notícias dos jornais observados utilizam a crítica como um instrumento eficaz na construção da identidade. Os ataques são efetuados a partir da posição segura do anonimato, sendo o discurso utilizado para assumir um papel na interação, o que vai ao encontro do princípio do posicionamento de Bucholtz e Hall (2005).

3. Perspetiva teórico-metodológica da análise linguística: descrição do *corpus* e dos problemas de partida

As redes sociais podem influenciar o capital social dos sujeitos envolvidos nas interações *online*. De acordo com Bourdieu (1989), o capital social não visa unicamente as conexões que um indivíduo tem, mas a capacidade de este convocar essas conexões para obter benefícios. Nas práticas discursivas do presente *corpus* foram estudadas as estratégias discursivas responsáveis pela diminuição do capital social dos participantes. Nas interações virtuais foram observadas intervenções de concordância ou de divergência em relação às publicações iniciais dos autores e/ou autoras e entre os comentadores dessas postagens. A natureza destes

encontros discursivos com diferentes interactantes produz intervenções curtas, numa sucessão de comentários que permanece em aberto. A qualquer momento, a comunicação pode ser retomada, como é próprio do *comentário* realizado nas redes sociais.

Os ambientes virtuais são espaços em que diferentes formas de violência se materializam discursivamente. A distância física e a sensação de anonimato produzida pelos avatares utilizados proporcionam uma maior quebra do contrato social, juntamente com uma sensação de impunidade por parte dos participantes. Estas circunstâncias podem ajudar a explicar, em parte, a grande quantidade de atos ameaçadores da face do Outro, comummente observada nas redes sociais. Deste modo, foi possível estudar o modo como se configuram as identidades discursivas (Antaki & Widdicombe, 1998) dos participantes virtuais no contexto da indelicadeza e, por conseguinte, a constituição do capital social (Bourdieu, 1989), tendo por base os estudos de Susan Herring (1993, 2003) e Jonathan Culpeper (1996, 2011, 2013) sobre a violência verbal. As relações de poder tecidas em ambientes digitais, entre homens e mulheres, foram estudadas pela primeira autora, enquanto o segundo autor analisou e categorizou as estratégias de indelicadeza que geram atos performativos de ofensa. A análise dos eixos identitários na configuração dos discursos permite observar as relações de poder ou submissão geradas entre os intervenientes no discurso. Estas relações reforçam estruturas sociais de opressão como o racismo, o machismo ou o classismo, entre outras formas de discriminação. Inicialmente, a internet aparece como a esperança de um espaço democrático no qual cada sujeito se via livre de distinções tradicionais de estatuto social ou género e se criavam oportunidades de igualdade para uma comunicação mais horizontal. Não obstante esta expectativa, Herring (1993, p. 6) afirma que as interações virtuais não são necessariamente democráticas, verificando-se que a análise do discurso pode fornecer informações sobre fenómenos não-linguísticos.

O debate sobre se determinados comportamentos se relacionavam mais com utilizadores do sexo feminino ou masculino motivou, igualmente, o interesse da presente análise. Como afirmou Herring (2003, p. 20), ter-se-ia de verificar se as diferenças tradicionais de género seriam transportadas para o mundo virtual, mantendo-se os estereótipos de género, nos quais as mulheres seriam mais propensas a apelar ao consenso, a ser menos violentas ou a usar menos palavrões, por exemplo. Ou, pelo contrário, tal como propõe a linguística da terceira onda do feminismo (por exemplo, Mary Bucholtz, anteriormente referida), ter-se-ia de verificar se era possível analisar o uso da linguagem de mulheres e homens, sem assumir que o género é fundamental, uma vez que as mulheres não constituem um grupo homogéneo e apresentam uma diversidade no seu discurso.

O *corpus* em análise é constituído por *comentários* à postagem[2] na rede social Facebook da crónica do jornal *Público* "Alterar o hino nacional? Não concordo"[3], da jornalista Estefânia Barroso, do dia 9 de janeiro de 2023. A crónica aborda a polémica gerada pelo cantor português, de ascendência cabo-verdiana, Dino d'Santiago, que, no âmbito de uma conferência intitulada "Deixar o Mundo Melhor", afirmou que gostava de ver o hino nacional português atualizado. O artista defendeu a sua posição alegando estarem as características bélicas do hino português já muito distantes da cosmovisão da sociedade portuguesa contemporânea. A postagem gerou 280 comentários e 23 partilhas.

Foram colocadas as seguintes perguntas de partida: (i) Como se processa a qualificação negativa e a "retórica do denegrir" (Almeida, 2013) em comentários específicos de publicações de *Facebook*, tratando-se de uma interação agonal com uma dimensão enunciativa heterogénea que visa múltiplos destinatários? (ii) Que estratégias de indelicadeza sistematizadas por Culpeper (1996) são mais recorrentes? (iii) Que atos ilocutórios ocorrem nestas sequências de tom polémico? (iv) De que forma as estratégias discursivas de desqualificação do Outro contribuem para a constituição de uma construção identitária?

[2] https://www.facebook.com/search/posts/?q=alterar%20o%20hino%20nacional%2C%20n%C3%A3o%20concordo

[3] https://www.publico.pt/2023/01/09/p3/cronica/alterar-hino-nacional-nao-concordo-2034334?fbclid=IwAR1HDxNwlzD3M8u3CicGBo66nRzRXxrAlQQ9RCBkwZzw7q6v7SAzLvNmqec

Para ilustrar as categorias encontradas, são apresentados exemplos dos enunciados analisados. Os utilizadores não parecem necessariamente interessados em esconder as informações pessoais, pois identificam o nome próprio ou dão um nome que aponta, claramente, para um género masculino ou feminino (ou neutro). De modo a impossibilitar a identificação dos/das internautas, autores dos comentários, foram retiradas as informações pessoais relativas aos seus avatares virtuais. Dos 280 comentários somente um comentário foi apresentado com um nome neutro quanto ao género, não tendo sido possível identificar o possível género indicado pelo/a utilizador/a.

O presente estudo é predominantemente qualitativo, tendo-se procedido à análise dos comentários ofensivos. Como recurso metodológico, foi utilizado o *software* Atlas T.I. Este programa de abordagem qualitativa permitiu analisar, organizar e apresentar uma grande quantidade de comentários através da codificação de segmentos de texto.

Os códigos foram introduzidos mediante as seguintes etiquetas e subetiquetas: feminino ou masculino; estratégias de indelicadeza direta (*bald-on-record)*, negativa, *positiva*, *off-record* e reprimida *(withhold)*; atos discursivos assertivos, compromissivos, diretivos e expressivos; argumentação e contra-argumento; citação com indicação de referências externas; uso de emojis; exclamações e indignações; ironia e humor; referência a identidades de grupo; falsos esquemas mentais; interjeições; lamento; justificação, sarcasmo, sugestão e moderação.

3.1. Mecanismos linguístico-discursivos dos comentários na rede social e a sua (possível) relação com a variável sexo

O trabalho de figuração, observado na amostra, insere-se numa fricção de vozes responsável pela composição de uma dimensão enunciativa heterogénea. Não é a ação da postagem inicial que provoca o conflito, mas sim as reações. Os participantes comentam o artigo da postagem inicial e/ou respondem a comentários de outros participantes. Dirigem-se a vários interlocutores e referem-se a terceiros, alternando ao longo das intervenções entre as modalidades alocutiva e delocutiva, recorrendo a estratégias de distanciamento e/ou mitigação que incidem na ilocução. As intervenções dos internautas aparecem, geralmente, como únicas ou podem ir até quatro ou cinco participações, quando, num tom de polémica e debate, criam uma sequência (*thread*) com os outros participantes. Foi observada uma sequência de 12 intervenções entre duas internautas que se apresentam como femininas e 15 participações alocutivas entre três intervenientes, dois com nome masculino e uma com nome feminino. Geralmente, os internautas não chegam a um acordo, sendo a sua retirada feita de forma abrupta, o que, de acordo com BouFranch e Blitvich (2014), é a forma de rescisão social mais perturbadora. A natureza da comunicação *online* parece favorecer este tipo de intervenções curtas e finais abruptas.

De acordo com os avatares proporcionados pelos participantes, foram contabilizadas 137 intervenções com um nome feminino e 109 com nome masculino, perfazendo um total de 246 contribuições. Atentemos na Tabela 1:

Tabela 1. Atos presentes em comentários ofensivos

	Feminino	**Masculino**	**Total**
	137	**109**	**246**
Atos expressivos	61	42	103
Identidades de grupo	32	21	53
Indelicadeza *off-record*	40	50	90
Ironia	17	26	43

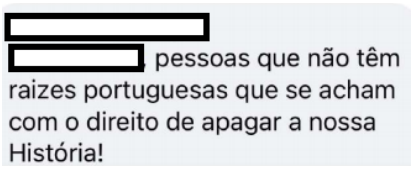
Das estratégias de indelicadeza categorizadas por Culpeper (1996), foi verificado um maior uso da indelicadeza *off-record,* com um total de 90 casos. Os atos performativos de ofensa detetados neste conjunto foram, maioritariamente, atos expressivos e, como iremos ver, de atos diretivos (cf. Tabela 2). Foi mais frequente o uso da ironia, assim como a referência à identidade de grupo. Elementos identificados com o género feminino recorreram 40 vezes às estratégias de indelicadeza off-record, enquanto os elementos masculinos tiveram uma incidência de 50 participações deste tipo de indelicadeza. O recurso à ironia foi usado maioritariamente pelos internautas que se apresentaram como homens (26), tendo as mulheres invocado esta figura retórica 17 vezes. Estas, pelo contrário, usaram a referência à identidade de grupo 32 vezes, enquanto no grupo masculino, foi observado uma menor incidência (21). No total, foi observado um recurso maioritário aos atos de fala expressivos, num total de 103 atos, a grande maior parte, executada pelo grupo feminino (61).

O contexto da postagem da crónica do jornal *Público* sobre a proposta de alteração do hino nacional favorece a emissão de opiniões, e, por conseguinte, uma maior ocorrência de atos expressivos.

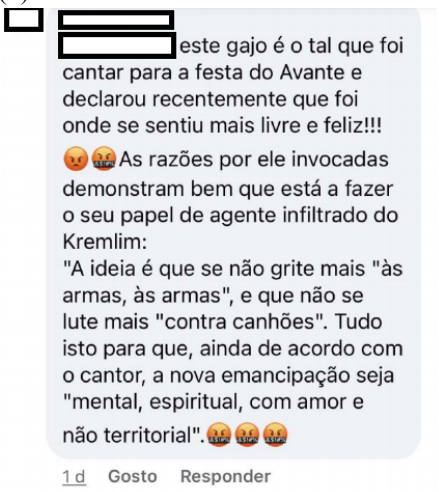
Os participantes tendem a expressar um estado psicológico e a fazer um juízo de valor.

Atentemos nos seguintes exemplos:

(1)



(2)



(3)

No exemplo (1), pode ser observado, como uma internauta, interpela diretamente outra para, numa estratégia de delicadeza *off-record*, de forma indireta e delocutiva, se referir ao autor da polémica, o artista português, de origem cabo-verdiana, Dino d'Santiago, como estrangeiro ("pessoas que não têm raízes portuguesas"). Esta referência à "identidade de grupo" (Culpeper, 2020) tem como objetivo desvalorizar e deslegitimar opiniões contrárias à sua para as afastar de um grupo social no qual o/a locutor/a pretende inserir-se. Na continuação do debate, em (2), outra participante que menciona a primeira que foi interpelada, criando momentaneamente uma sequência com três intervenientes, insiste na constituição de grupos opostos, agora ideológicos, referindo-se, ironicamente, aos comunistas, ao tratar o sujeito como "agente infiltrado do Kremlin".

Entre as múltiplas facetas da construção da identidade, incluir ou excluir os outros é uma estratégia recorrente na ação humana. Enquanto falantes, à medida que se criam aproximações ou afastamentos em relação a grupos, também os alinhamentos ou posicionamentos discursivos se vão alterando.

As exclamações e emojis usados apontam para atos expressivos, com os quais a indignação fica registada. Em (3), observamos a reação de uma outra internauta através de um ato assertivo ("Não sabia nada disto") e expressivo ("credo [...] é cada coisa bizarra") e termina a sua intervenção com recurso a uma estratégia *off-record*, na qual direta e indiretamente desvaloriza e insulta aqueles com opiniões contrárias ("está tudo louco, deve ser o ar contaminado"). Esta interação termina com um ato assertivo de um internauta do sexo masculino que realiza um ato direto de asserção com o valor indireto de crítica ("Podiam era alterar as gamelas ou os tachos da Assembleia da República, já mete nojo tanta sujidade").

Da totalidade dos atos de fala observados, verificou-se uma predominância de atos expressivos, seguido de atos diretivos e assertivos, como se pode ver na Tabela 2.

Tabela 2. Atos de discurso

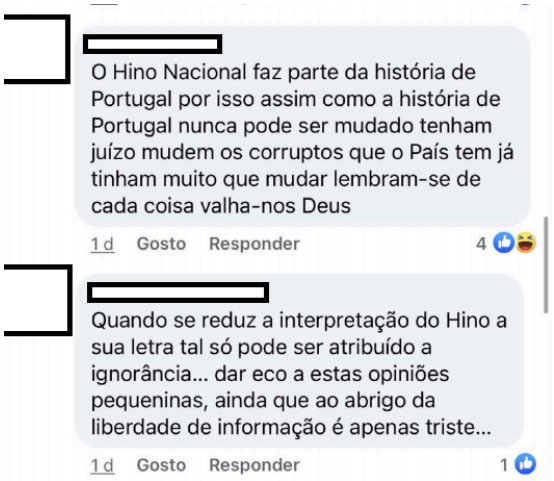
	Hino (corpus)
Atos assertivos	41
Atos compromissivos	1
Atos diretivos	56
Atos expressivos	105
Total	203

Nos numerosos exemplos de atos expressivos, proliferam sinais gráficos, como exclamações repetidas, emojis ou recurso a maiúsculas, com a intenção de salientar certos elementos, ou mostrar indignação.

Observemos o exemplo seguinte:

(4)

(5)

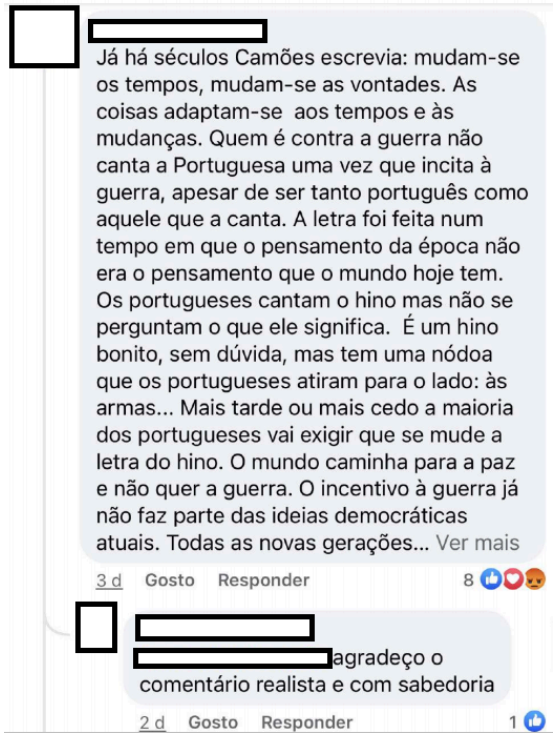


Os atos diretivos, nos quais o emissor pretende levar o auditório a fazer ou a dizer alguma coisa, apareceram 56 vezes, de forma idêntica entre locutores femininos e masculinos. São usadas sugestões sarcásticas ("Podíamos copiar a letra do hino espanhol", exemplo 4), ordens diretas ("Dê lá um exemplo", "tenham juízo [,] mudem os corruptos", exemplo 5), exortações ("Vamos, mas sim, aprender com ela [a História]!") em estratégias que, segundo Culpeper, se aproximariam das estratégias diretas de *bald-on-record*. Estas estratégias aparecem em terceiro lugar, na ordem de estratégias usadas, com 25 ocorrências.

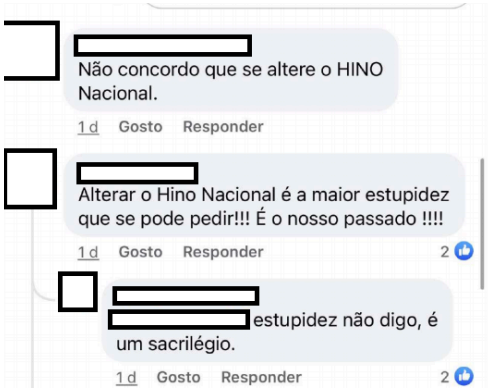
Frequentemente, a gestão do discurso argumentativo é feita através de atos assertivos, nos quais os interlocutores apresentam dados com o objetivo de legitimar a sua opinião, como o exemplo (4) ilustra: (i) asserções como "O Hino Nacional faz parte da História de Portugal"; (ii) locuções interjetivas "valha-me Deus" e (iii) adjetivos avaliativos "opiniões pequeninas" que acompanham as asserções, configurando macroatos expressivos, nos quais ficam expressos sentimentos e emoções. O posicionamento (Bucholtz & Hall, 2008) ou alinhamento é fundamental para a construção da identidade, que, neste caso, se relaciona com a assertividade e a expressão de sentimentos.

Atentemos nos exemplos seguintes:

(6)



(7)

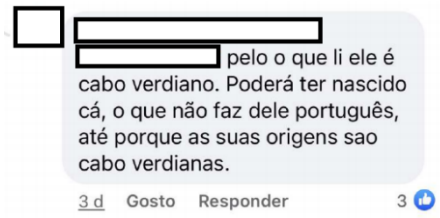


A argumentação apoia-se, frequentemente, em referências externas ou recorre a citações para legitimar a locução proferida. Foram encontrados alguns casos em que se defendia a visão proposta pelo artista português, Dino d'Santiago (exemplo 6), embora a maioria se tenha manifestado contra (exemplos 7). No exemplo (6), a referência externa ao poeta Camões constitui um recurso para dar validade à opinião expressa a favor do artista. As opiniões favoráveis à mudança do hino tiveram, assim, algumas expressões de apoio

("agradeço o comentário realista e com sabedoria"), tendo, não obstante esta ocorrência, sido seguida, maioritariamente, por comentários de ataque e de contra-argumentação.

A validação dos atos assertivos é feita por meio de referências externas ou por citações como as referidas em expressões como "pelo que li", que apresenta um alinhamento de autoridade ou conhecimento sobre o que se vai dizer:

(8)

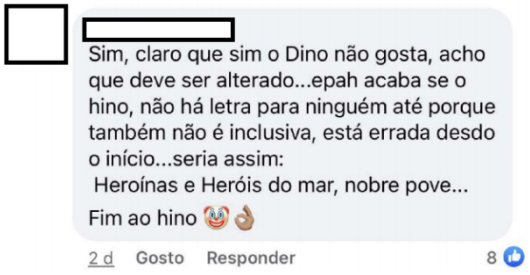


Quanto à análise das estratégias de indelicadeza, propostas por Culpeper, a estratégia de indelicadeza *off-record* foi a mais usada com um total de 90 ocorrências, com uma incidência ligeiramente maior no discurso dos participantes do sexo masculino. Nesta estratégia, o ato de crítica é realizado mediante uma implicatura conversacional com o propósito de menosprezar o Outro. Com este fim, ocorrem falas indiretas, perguntas retóricas, ironia ou linguagem metafórica.

O recurso argumentativo da ironia aparece num total de 43 comunicações com uma participação de 17 elementos femininos e 26 masculinos. De novo, o objetivo é o de facilitar a associação de valores inferiores a um grupo e a superioridade intelectual a outro. A repetição dos elementos gráficos, neste caso os pontos de exclamação, vem reforçar a indignação expressa e o ataque ao Outro, como se verificou no exemplo (2), acima analisado: "este é o tal gajo (...) declarou recentemente que foi onde se sentiu mais feliz!!!".

Atentemos no seguinte exemplo que ilustra o uso da ironia:

(9)



Este internauta, mediante uma implicatura com recurso a advérbios modalizadores ("claro", "até") e ao humor, critica a linguagem inclusiva ("nobre pove"). O discurso humorístico apela ao universo de informações partilhadas na interlocução para uma completa compreensão do conteúdo proposicional. A proposta irónica de se acabar com o hino: "acaba-se o hino", "não há letra para ninguém até porque também não é inclusiva", "Heroínas e heróis do mar, nobre pove... Fim ao hino" menospreza ironicamente o visado da enunciação.

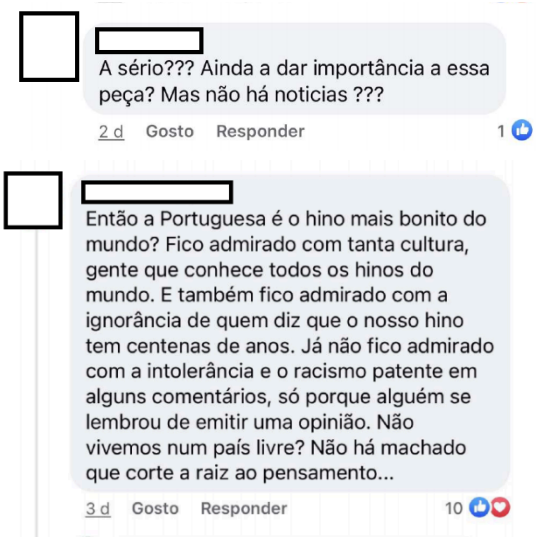
No seguimento do tom irónico e jocoso, outro internauta faz uma proposta:

(10)

A proposta expressa no exemplo (10) vai no sentido de associar o artista português a um grupo intelectualmente inferior, o mundo infantil ("deviam pôr uma letra mais soft, sei lá o Vitinho, o avô cantigas ou a rua sésamo"). Na mesma intervenção, para além do binómio mundo adulto e infantil, reforça-se analogamente a constituição de outros grupos divididos entre os portugueses e os estrangeiros ("ninguém quer que o Dino não se sinta em casa...", "E Português ele não é?"). O locutor continua proferindo um ato compromissivo: "Não estou a ser irónico juro que não sei".

Por vezes, aliadas à ironia, são usadas perguntas retóricas ou sequências humorísticas. O objetivo é o de reforçar os argumentos que se pretendem expor para defender a posição de cada interlocutor.

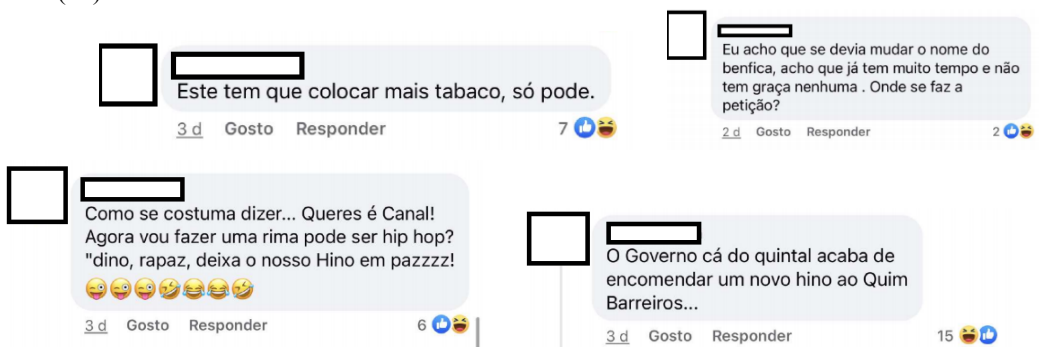
(11)



O humor foi encontrado em 11 ocorrências, emitidas apenas por elementos que se apresentam como masculinos. O caráter humorístico articula-se com a noção do implícito. As pressuposições e os subentendidos surgem como um dado periférico na construção do efeito humorístico (Mouta, 2007). De novo, a finalidade é a de menosprezar o sujeito delocutivo, ora acusando-o de se drogar ("Este tem que colocar mais tabaco, só pode."), dito por um internauta em (12) ou depreciando a sua opinião ou valor artístico, em tom jocoso, incidindo em referências deíticas, possibilitando a distanciação de quem enuncia ("Como se costuma dizer..."). Os/as internautas constroem a sua própria identidade ao adotarem para si um posicionamento de

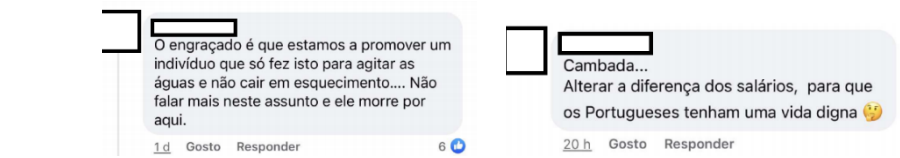
comentadores engraçados. Ao contrário das intervenções argumentativas que são mais longas, por exemplo, foi verificado que as participações irónicas ou cómicas eram mais curtas, como se pode observar no seguinte grupo de exemplos:

(12)

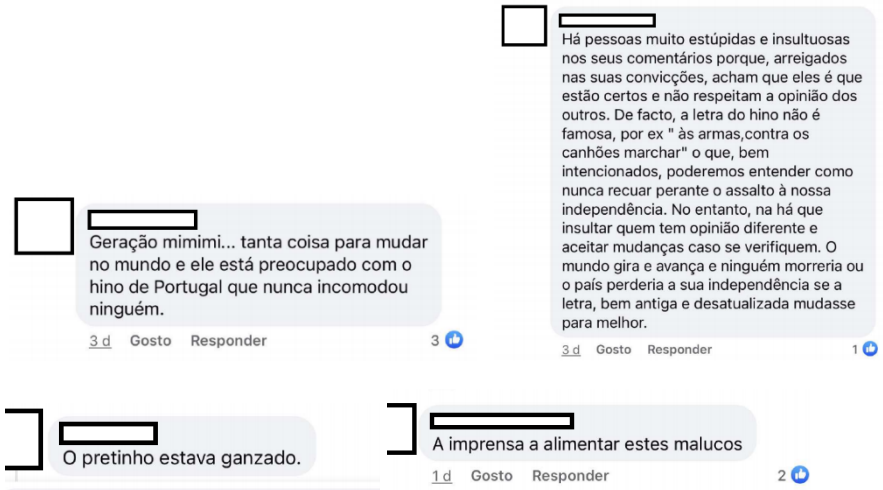


Em segundo lugar, a estratégia mais observada foi a indelicadeza positiva, na qual se pretende prejudicar a face positiva do destinatário, isto é, o facto de o "eu" ser bem-visto socialmente. São apresentados alguns exemplos. Num ato diretivo, um internauta propõe ignorar as opiniões emitidas, excluindo-o do debate público ("não falar mais neste assunto e ele morre por aqui"). Nomes caluniosos ou palavrões[4] foram observados de forma abundante. Vocábulos como "cambada" ou nomes que ridicularizam o(s) adversário(s) são recorrentes: "garotos", "meninos", "geração mimimi", "pessoas muito estúpidas e insultuosas", "o pretinho estava ganzado", "malucos", entre outros exemplos expressos em (13).

(13)

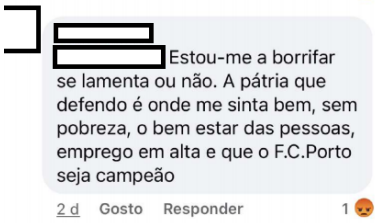


[4] É de realçar que a página da rede social *Facebook* em análise conta com métodos de censura, reservando-se o direito de remover comentários que promovam o discurso de ódio e que tenham difamações, calúnias, injúrias ou ataques pessoais. A presente análise baseia-se na dinâmica interacional desenvolvida pelos utilizadores da plataforma, considerando o conjunto de comentários públicos disponibilizado.



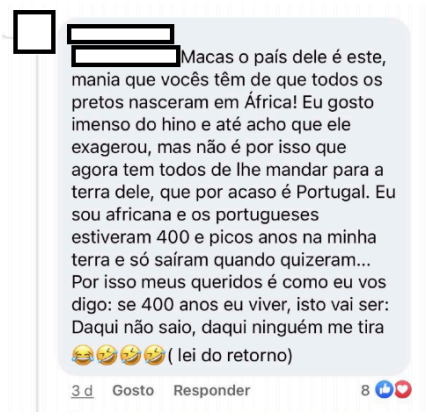
A tentativa de exclusão do Outro é recorrente. No exemplo seguinte (exemplo 14), um participante declara diretamente estar-se a "borrifar se lamenta ou não", desconsiderando a opinião do interlocutor e reforçando a sua ideia com atos assertivos e expressivos "A Pátria que defendo é onde me sinta bem...". São apresentados argumentos para a sua postura ("sem pobreza", "emprego em alta"), terminando com uma nota humorística ("e que o F.C. Porto seja campeão") com a qual o locutor se insere num grupo maior: os dos fãs deste clube de futebol.

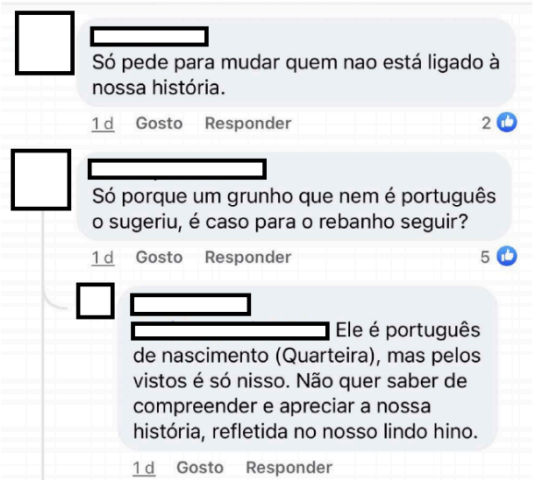
(14)



Os grupos opostos vão ganhando forma nas interações, ora os portugueses e os estrangeiros, ora os comunistas e os fascistas, ou os fãs dum clube futebolístico ou outro. As flexões de primeiras pessoas do singular e plural das formas verbais encontradas ("estamos a promover" ou "podiam era...") aparecem como marcadores de identidade discursiva (Bucholtz & Hall, 2005, p. 592), tal como os pronomes possessivos que ajudam a configurar a pertença ou afastamento a grupos ("país dele", "terra dele", a nossa história", "o nosso lindo hino"). Estes elementos conformam pistas linguísticas de construção de identidade que, por sua vez, estão aliadas às condições específicas de prática discursiva localizada na discussão virtual.

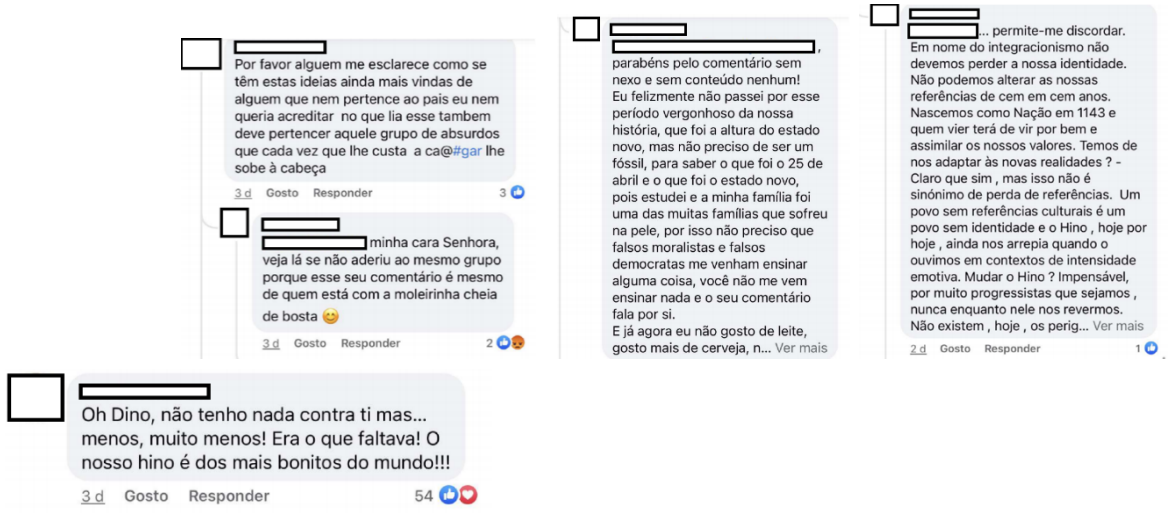
(15)





Atentemos agora nos seguintes exemplos:

(16)

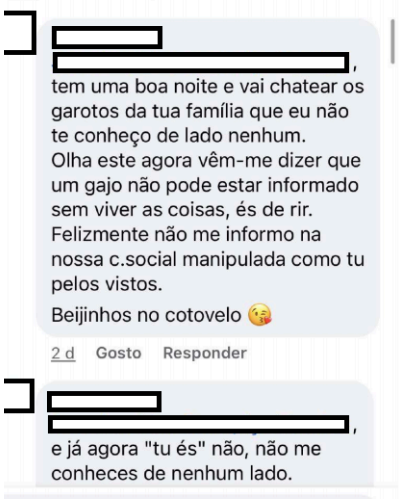


Em (16), o uso de formas de tratamento formais (nomes próprios, “minha cara senhora”), os atos de pedido (“Por favor alguém me esclarece...”, “permite-me discordar...”), as interjeições (“Oh Dino”) ou a felicitação (“parabéns pelo comentário” que caracteriza como “sem nexo e sem conteúdo nenhum!”) funcionam como pré-sequências de preparação dos atos seguintes. Terkourafi (2008) refere-se a estas realizações linguísticas, em contextos específicos de uso, como *frames* ou esquemas mentais. Estes criam expectativas no ouvinte e antecipam os atos posteriores (Culpeper, 2010). Porém, nos exemplos analisados, o papel destas sequências de abertura mais formais parece ser a de intensificar a violência verbal, pois as expectativas são quebradas. Este tipo de sequências será aqui chamado de *esquemas mentais falsos*, pois

criam falsas expectativas na interação. O tom formal que, por vezes, parece iniciar algum comentário passa imediatamente para uma linguagem informal com ataques verbais.

A dinâmica interacional leva os participantes a abordarem diretamente as formas de tratamento em uso. Um internauta reclama ser tratado por uma forma mais formal em vez da forma de tratamento informal, o "tu" que ele próprio usa e que predomina nas interações. O uso de marcadores de identidade inadequados remete, como referido, para o emprego de estratégias de indelicadeza positivas:

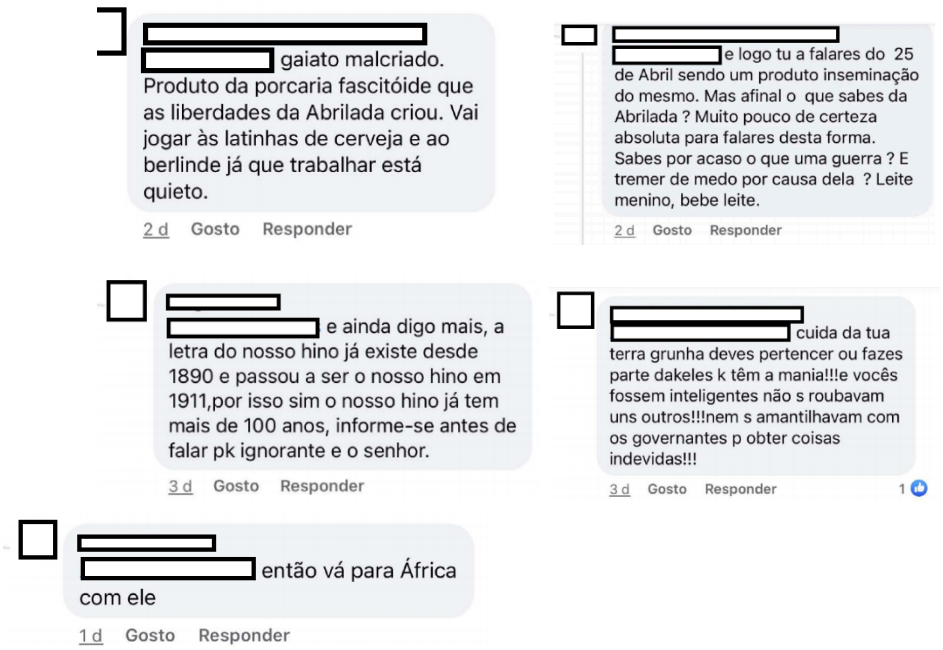
(17)



O formato dos comentários analisados tende a seguir um tom coloquial, muito próximo da oralidade, com a deteção da irrupção de aberturas e de fechos com despedidas abruptas e a ocorrência de 'perguntas-tag' ("certo?", cf. exemplo 15, em "Quem é que vive no tempo de Salazar?!? Refere se a si, certo??"), aspetos característicos não só da rapidez e do caráter imediato do discurso coloquial, mas também de uma prática discursiva marcada como mais ameaçadora da face do interlocutor. As aberturas mais formais encontradas ("Minha cara senhora", no exemplo 15) amplificam a avaliação axiológica negativa do alocutário, porque são imediatamente seguidos de estruturas próprias do discurso informal e de atos de ameaça ou ataque.

Como foi referido, no grupo de exemplos seguintes (18), as estratégias de indelicadeza *bald-on-record* aparecem em terceiro lugar, com 25 ocorrências, com um número ligeiramente superior por parte de elementos que se apresentam com um nome feminino. Trata-se de uma forma direta de comunicação, o locutor não faz nenhum esforço para minimizar as ameaças à face do ouvinte. O uso de formas imperativas é comum neste tipo de estratégias: "Vai jogar às latinhas de cerveja", "leite, menino, bebe leite", "informe-se", "lê primeiro antes de falar", "cuida da tua terra", "vá para África".

(18)



Os diversos exemplos apresentados em (18), para além de atacarem diretamente a face do interlocutor, reforçam, de novo, a ideia de grupos discursivamente criados em confronto: os portugueses e os africanos.

Em quarto lugar, como o grupo de exemplos em (19) ilustra, foram observadas estratégias de indelicadeza negativa, num total de 14 ocorrências, sendo a percentagem dos elementos masculinos ligeiramente maior. Verificou-se que os internautas tentam ameaçar a face negativa do destinatário, ridicularizando, sendo condescendente ou enfatizando o poder sobre o alocutário. Um internauta enfatiza o seu poder baseado no eixo do conhecimento *versus* ignorância ("tal só pode ser atribuído a ignorância"), ridicularizando o parecer do outro com o diminutivo "opiniões pequeninas". Outra internauta esteia o seu argumento no mesmo eixo, ao usar o pretérito imperfeito do conjuntivo "estudasses" para dizer que o outro é ignorante, porque não estudou.

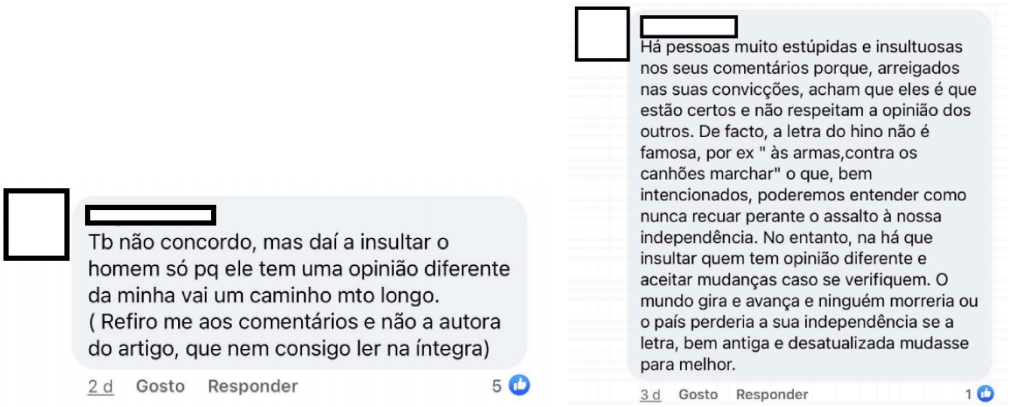
(19)

Toda a dinâmica relacional se baseia em enfatizar o poder de uns sobre outros, menosprezando os antagonistas.

(20)

Foram detetadas regularidades quanto à sequencialidade dos atos de indelicadeza, no sentido de a estes lhes sucederem outros atos de ataque. Em todo o *corpus* em análise, somente dois elementos, um feminino e outro masculino, optaram por assumir o papel de mediadores. Apresentaram estratégias em atos assertivos com o objetivo de evitar extremismos ou posturas muito rígidas e, assim, alcançar um equilíbrio que permitisse o respeito a opiniões divergentes, como podemos verificar em (21).

(21)



Não foram encontradas estratégias de indelicadeza contida (*withhold)*, talvez devido ao facto de o género discursivo de *comentário* na rede social, regularmente, não prever contextos em que a delicadeza seja esperada.

A modo de síntese, como podemos ver na Tabela 3, segundo a tipologia de Culpeper, a estratégia de indelicadeza mais usada foi a *off-record*, seguida da positiva e da *bald-on-record*. Em último lugar, aparece a estratégia negativa, sendo a *withhold* inexistente.

Tabela 3. Estratégias de indelicadeza no corpus

	Feminino (137)	Masculino (109)	Total
Indelicadeza *bald-on-record*	14	11	25
Indelicadeza negativa	5	9	14
Indelicadeza *off-record*	40	50	90
Indelicadeza positiva	14	16	30
Indelicadeza *withhold*	0	0	0

Foram detetadas regularidades quanto à sequencialidade dos atos de indelicadeza, no sentido de a estes lhes sucederem outros atos de ataque.

A interface comunicacional usada (a rede social num dispositivo eletrónico) e a polifonia própria dos ambientes digitais não favorecem a existência de pré-atos de cumprimento/saudação ou atos de despedida. As intervenções são curtas e diretas, próprias de um discurso espontâneo, próximo da oralidade.

Como podemos observar na Tabela 3, as estratégias de indelicadeza sistematizadas por Culpeper (1996) mais recorrentes são off-record e positiva, seguida de *bald on record*. Os atos ilocutórios mais observados nas sequências de tom polémico foram os atos expressivos, diretivos e assertivos, próprios do discurso argumentativo.

Sobre a questão do género que os internautas apresentam sob a forma de nomes masculinos ou femininos, parece não haver padrões capazes de indicar intervenções típicas de um género ou outro. Somente um internauta apresentou um avatar neutro quanto ao género. Os restantes parecem não hesitar quanto à indicação do seu nome próprio ou género (sejam estes inventados ou não).

Na Tabela 4, detalham-se as frequências de uso de cada código segundo o género apresentado pelos participantes. Realça-se o facto de os atos expressivos terem sido maioritariamente proferidos por mulheres, enquanto os homens incidiram mais em estratégias de delicadeza *off-record* (cf. Tabela 3), com recurso ao uso do humor, do sarcasmo e da ironia. As mulheres parecem não ter usado o humor, fazendo uma maior referência à constituição de grupos opostos. Na sequência das interações discursivas, reforça-se a ideia de uma construção identitária inserida em grupos opostos, para os quais expressam um sentimento ora de pertença, ora de afastamento, como podemos verificar na Tabela 4.

Tabela 4. A construção do discurso

	Feminino	Masculino	Total
Atos assertivos	25	16	41
Atos diretivos	28	28	56
Atos expressivos	61	42	103
Falsos Esquemas Mentais (grupos opostos)	5	3	8
Humor	0	10	10
Identidade de grupo	32	21	53
Ironia e Sarcasmo	17	26	43
Moderador	1	1	2

4. Conclusão

A análise da indelicadeza nas sequências interacionais do *género textual* do *comentário* da rede social do *Facebook* permitiu compreender o papel das estratégias discursivas violentas em interações *online* (Culpeper, 1996, 2011, 2013), tanto no que diz respeito à configuração das identidades dos participantes no discurso, como na consequente diminuição do seu capital social (Bourdieu, 1989).

A comunicação polilogal dos debates que se vão formando nas diferentes sequências (*threads*) de comentários revela uma grande diversidade de perspetivas e experiências partilhadas. Não obstante, nesta multiplicidade de vozes, ao invés do que poderia ser a construção de um espaço construtivo enriquecido pela variedade, verificou-se uma forte tendência para a produção de um espaço discursivo negativo e violento.

Os meios indiretos de instanciar identidades incluíram processos pragmáticos como implicaturas e pressuposições, que requerem um trabalho inferencial adicional para a interpretação dos enunciados.

Nas críticas tecidas, os/as internautas não só constroem uma identidade para a pessoa criticada como criam uma identidade para si, adotando papéis, visíveis nos alinhamentos ou posicionamentos adotados. Paralelamente, as identidades também transparecem nos elementos que constituem pistas linguísticas de construção de identidade, como os pronomes possessivos ou formas verbais de primeira pessoa.

A dinâmica relacional gerada nas sequências discursivas baseia-se em enfatizar o poder sobre o oponente e a persuasão deste e do auditório. Ambas as partes reclamam para si uma superioridade moral e intelectual e menosprezam, concomitantemente, as ideias contrárias mediante uma carga emocional negativa. A exclusão do *Outro* é recorrente e contribui para construir o tom geral de indelicadeza.

As identidades representadas verbalmente conduzem à constituição de grupos sociais que se sentem antagónicos nas interações virtuais. A associação de indivíduos a categorias específicas partilhadas incluiu, nas análises efetuadas, caraterísticas identitárias, como etnia ou ideias políticas. A indelicadeza pareceu não visar atacar indivíduos, mas sim as identidades construídas socialmente no discurso.

As estratégias discursivas de intensificação da ameaça foram recorrentes e encenaram uma forte ameaça do território do alocutário que se percebia como uma entidade coletiva. São vários os elementos que ajudam a configurar esta pertença ou distanciamento dos diferentes grupos. A presença dos pronomes possessivos (“país dele”, “terra dele”, a nossa história”, “o nosso lindo hino”, “Ninguém a quer em Portugal”) evidencia a problemática do racismo que, nas palavras de Grada Kilomba (2021, p. 173), nunca é biológico, mas discursivo. A categoria “portugueses” é criada verbalmente tendo como oposição os que são considerados “estrangeiros”, não porque, de facto, são de outra nacionalidade, mas devido à cor da sua pele.

De acordo com Kilomba (2021, p. 176), no mundo *branco*, as pessoas *negras*[5] são reduzidas a um corpo. O *sujeito negro* é usado como contrapartida para o *sujeito branco*, como uma imagem espelhada reduzida à sua fisicalidade. No racismo a negação é usada para manter e legitimar as estruturas violentas de exclusão racial. Na ideia de que *eles* querem tomar o que é *nosso,* subsiste, primeiramente, a negação de que *nós tomamos o que é deles* e a projeção no *Outro* daquilo com que o *sujeito branco* não quer ter relação. Estes processos de dissociação da psique criam permanentemente o denominado “Outro” como antagonista do “eu”. Segundo Kilomba (2021, p. 35), a *negritude* serve de forma primária de alteridade por via da qual se constrói a *branquitude*. Noutras palavras, não se trata de abordar a individualização dos sujeitos, mas sim reforçar as fantasias do imaginário *branco* sobre aquilo que o *sujeito negro* deve ser ou daquilo que, neste caso, Portugal deve ser: um país de portugueses *brancos* onde não há lugar para a diferença (no nosso *corpus*: “pessoas que não têm raízes portuguesas” ou “poderá ter nascido cá, o que não faz dele português, até porque as suas origens são caboverdianas”).

[5] O termo *negro* não é uma palavra neutra, não marcada, mas um conceito colonial criado durante a expansão marítima europeia para designar o lugar de subordinação e inferioridade dos povos africanos. Apesar de, originalmente, ter ajudado a constituir as relações de poder entre a Europa e a África, o termo é usado aqui, por ser considerado o único correto (Kilomba, 2021, p. 172).

Em suma, no estudo efetuado, verificou-se o caráter atemporal do racismo que é construído no discurso quotidiano. As consequências desta agressividade na comunicação contribuem para a diminuição do capital social (Bourdieu, 1989) dos agentes visados e o consequente aumento da desigualdade social.

Os dados examinados, no contexto específico do género de comentário da rede social do *Facebook*, no qual predomina o anonimato e a intervenção curta e direta, parecem indicar que o género não é determinante nesta análise: as mulheres não intervêm como um grupo homogéneo e apresentam diversidade discursiva, tal como advogam as linguistas feministas da terceira onda. Não foi visto que os estereótipos de género apontados por Herring (2003, p. 20) fossem transportados para o mundo virtual neste contexto específico, no qual os internautas não se conhecem pessoalmente. Por exemplo, não foi verificado que as mulheres (ou participantes com avatares de nome feminino) fossem mais propensas a apelar ao consenso, ou a ser menos violentas.

As pistas de contextualização ou alinhamento (*footing*) dos interlocutores virtuais referem-se à maneira como estes se apresentam nas interações *online*. Foi demonstrado como os participantes se sentem seguros para expressar as suas opiniões de uma forma direta e assertiva. As intervenções com uma orientação (*footing*) mais respeitosa e construtiva foram manifestamente minoritárias.

A criatividade verbal, no *corpus* analisado, parece estar constantemente ao serviço da descredibilização do Outro. O uso de mecanismos retóricos como a ironia ou as perguntas retóricas contribui para um discurso marcado negativamente com a função de atacar a face do interlocutor (*indelicadeza off-record)*. Os insultos nem sempre têm a realização de réplicas por parte dos seus alocutários que permitam demonstrar a sua interpretação. É o conhecimento partilhado que proporciona a interpretação de mecanismos retóricos.

A dinâmica interacional assente em estratégias de indelicadeza, com recorrentes atos diretivos e formas de tratamento insultuosas, permite classificar os atos ilocutórios como indelicados e até violentos. Foi igualmente observado como os ataques se vão intensificando à medida que as participações aumentam.

A observação do facto de a violência verbal ter vindo a crescer nas redes sociais nas últimas décadas estimulou este estudo. As consequências da agressividade na comunicação *online* podem ser graves para as pessoas envolvidas, tendo em conta a diminuição do capital social de alguns agentes ou o aumento do mesmo capital social por parte de grupos que favorecem práticas impulsionadoras da desigualdade. A presente análise pretende ser mais um contributo para a tomada de consciência deste problema, para que a comunicação virtual possa vir a ser um espaço seguro de promoção do diálogo construtivo, tolerância, diversidade e saúde mental dos participantes.

Referências

Almeida, Carla Aurélia de (2013) Contributos para o estudo da configuração dos *rituais verbais* de *descortesia* em programas de rádio portugueses. In Fátima Silva, Isabel Falé & Isabel Pereira (orgs.), *Textos Selecionados. XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. APL, pp. 59–77.

Antaki, Charles & Sue Widdicombe (eds.) (1998) *Identities in talk*. Sage. https://doi.org/10.4135/9781446216958

BouFranch, Patricia & Pilar Garcés-Conejos Blitvich (2014) Conflict management in massive polylogues: a case study from YouTube, *Journal of Pragmatics* 73, pp. 19–36. https://doi.org/10.1016/j.pragma.2014.05.001

Bourdieu, Pierre (1989) *O poder simbólico*. Difel.

Brown, Penelope & Steph C. Levinson (1987) *Politeness. Some universals in language usage*. Cambridge University Press.

Bucholtz, Mary (1999) Bad examples: transgression and progress in language and gender studies. In Mary Bucholtz *et al*. (eds.), *Reinventing Identities: The gendered Self in Discourse*. Oxford University Press, pp. 3–20.
Bucholtz, Mary & Kira Hall (2005) Identity and interaction: A sociocultural linguistic approach. *Discourse Studies* 7 (4–5), pp. 585–614. https://doi.org/10.1177/1461445605054407
Bucholtz, Mary & Kira Hall (2008) Finding identity: theory and data. *Multilingua* 27 (1–2), pp. 151–163. https://doi.org/10.1515/MULTI.2008.008
Bullingham, Liam & Ana Vasconcelos (2013) 'The presentation of self in the online world': Goffman and the study of online identities. *Journal of Information Science* 39 (1), pp. 101–112. https://doi.org/10.1177/0165551512470051
Cameron, Deborah, Fiona McAlinden & Kathy O'Leary (1988) Lakoff in context: the social and linguistic functions of tag questions. In Jennifer Coates & Deborah Cameron (eds.), *Women in their speech communities*. Longman, pp. 13–26.
Coates, Jennifer (1996) *Women talk. Conversation between women friends,* Blackwell.
Culpeper, Jonathan (1996) Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics* 25 (3), pp. 349–367. https://doi.org/10.1016/0378-2166(95)00014-3
Culpeper, Jonathan (2010) Conventionalised impoliteness formulae. *Journal of Pragmatics* 42 (12), pp. 3232–3245. https://doi.org/10.1016/j.pragma.2010.05.007
Culpeper, Jonathan (2011) *Impoliteness: using language to cause offence*. Cambridge University Press.
Culpeper, Jonathan (2013) Impoliteness. In Jan-Ola Östman & Jef Verschueren (eds.), *Handbook of pragmatics*. John Benjamins, pp. 1–18. https://doi.org/10.1075/hop
Culpeper, Jonathan (2021) Impoliteness and hate speech: compare and contrast. *Journal of Pragmatics*, pp. 4–11. https://doi.org/10.1016/j.pragma.2021.04.019
Culpeper, Jonathan & Qian Kan (2020) Communicative styles, rapport and student engagement: An online peer mentoring scheme. *Applied Linguistics* 41 (5), pp. 756–786. https://doi.org/10.1093/applin/amz035
Culpeper, Jonathan & Vittorio Tantucci (2021) The principle of (im)politeness reciprocity. *Journal of Pragmatics* 175, pp. 146–164. https://doi.org/10.1016/j.pragma.2021.01.008
De Fina, Anna (2006) Group identity, narrative and self-representations. In Anna De Fina, Deborah Schiffrin & Michael Bamberg (eds.), *Discourse and identity*. Cambridge University Press, pp. 351–375. https://doi.org/10.1017/CBO9780511584459
Eckert, Penelope & Sally McConnell-Ginet (1992) Communities of practice: where language, gender and power all live. In Kira Hall, Mary Bucholtz & Birch Moonwomon (eds.), *Locating power. Proceedings of the 1992 Berkeley Women and Language Conference*. Berkeley Women and Language Group, pp. 89–99. Disponível em http://www.stanford.edu/~eckert/PDF/Communitiesof.pdf
Eckert, Penelope, & Sally McConnell-Ginet (2003) Think practically and look locally: language and gender as community-based practice. *Annual Review of Anthropology* 21, pp. 461–488.
Eller, Monika (2018) *no prizes to anybody spotting my typo, by the way*: The interplay between criticism and identity management in the comments sections on newspaper websites. In Birte Bös, Sonja Kleinke, Sandra Mollin & Nuria Hernández (eds.), *Discursive construction of identities on- and offline*: *Personal – Group – Collective* (Vol. 78). John Benjamins Publishing Company, pp. 177–202. https://doi.org/10.1075/dapsac.78.08ell
Grice, Herbert Paul (1975) *Studies in the way of words*. Harvard University press.
Haugh, Michael, Daniel Kádár & Marina Terkourafi (eds.) (2021) *The Cambridge handbook of sociopragmatics*. Cambridge University Press.
Herring, Susan C. (1993) Gender and democracy in computer-mediated communication. *Electronic Journal of Communication* 3 (2), pp. 1–17. https://doi.org/10.1016/B978-0-12-415040-9.50121-4
Herring, Susan C. (2003) Gender and power in on-line communication. In Janet Holmes & Miriam Meyerhoff (eds.) *The Handbook of language and gender.* Blackwell Publishing, pp. 202-228.

Kilomba, Grada (2021) *Memórias da plantação. Episódios de racismo quotidiano*. Orfeu Negro.
Leech, Geoffrey (1983) *Principles of pragmatics*. Longman.
Llamas, Carmen & Dominic Watt (eds.) (2010). *Language and identities*. Edinburgh University Press.
Mills, Sara (2003a) *Gender and politeness*. Cambridge University Press.
Mills, Sara (2003b) Third wave feminist linguistics and the analysis of sexism. *Discourse Analysis Online*. Available at https://extra.shu.ac.uk/daol/articles/open/2003/001/mills2003001.html
Mills, Sara (2009) Impoliteness in a cultural context. *Journal of Pragmatics* 41 (5), pp. 1047–1060. https://doi.org/10.1016/j.pragma.2008.10.014
Mouta, Margarida (2007) Os jogos de linguagem e a aquisição de uma "competência humorística" em PLE. *Linguística - Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* 2, pp. 77–102.
Polletta, Francesca & James Jasper (2001) Collective identity and social movements. *Annual Review of Sociology* 27, pp. 283–305.
Terkourafi, Marina (2008). Towards a unified theory of politeness, impoliteness, and rudeness. In Derek Bousfield & Miriam Locher (eds.), *Impoliteness in language: studies on its interplay with power in theory and practice*. Mouton de Gruyter, pp. 45–74. https://doi.org/10.1515/9783110208344.1.45
van Dijk, Teun (2014) *Discourse and knowledge*. Cambridge University Press.
Wodak, Ruth (1996) *Disorders of discourse*. Longman.